

# A violência de realizar um exame de Matemática



**Por: João Cabral**  
 jcabral@uac.pt  
 Doutorando em Matemática,  
 pela Universidade dos Açores

Hoje é o dia 2 de outubro, o dia em que se celebra o nascimento de Mahatma Gandhi, idealizador e fundador do moderno estado Indiano e o maior defensor do Satyagraha, o princípio da não-agressão, como um meio de gerar uma revolução, princípio que inspirou gerações inteiras de ativistas democráticos tais como Martin Luther King e Nelson Mandela. Ghandi afirmava que o sucesso dos seus valores derivava do facto de serem simples, baseados na crença tradicional hindu: verdade e não-violência. Hoje, 2 de outubro, também se celebra o dia Internacional da Não Violência. Um dia perfeito para lembrar que a violência existe dentro do meio escolar e é preciso combatê-la. Cabe a cada um de nós ajudar a erradicar este mal, das nossas escolas. Alunos, professores, pais, encarregados de educação, assistentes de ação escolar e até mesmo a comunidade que envolve a escola, deve trabalhar em conjunto para que a violência passe apenas a ser uma má memória do passado.

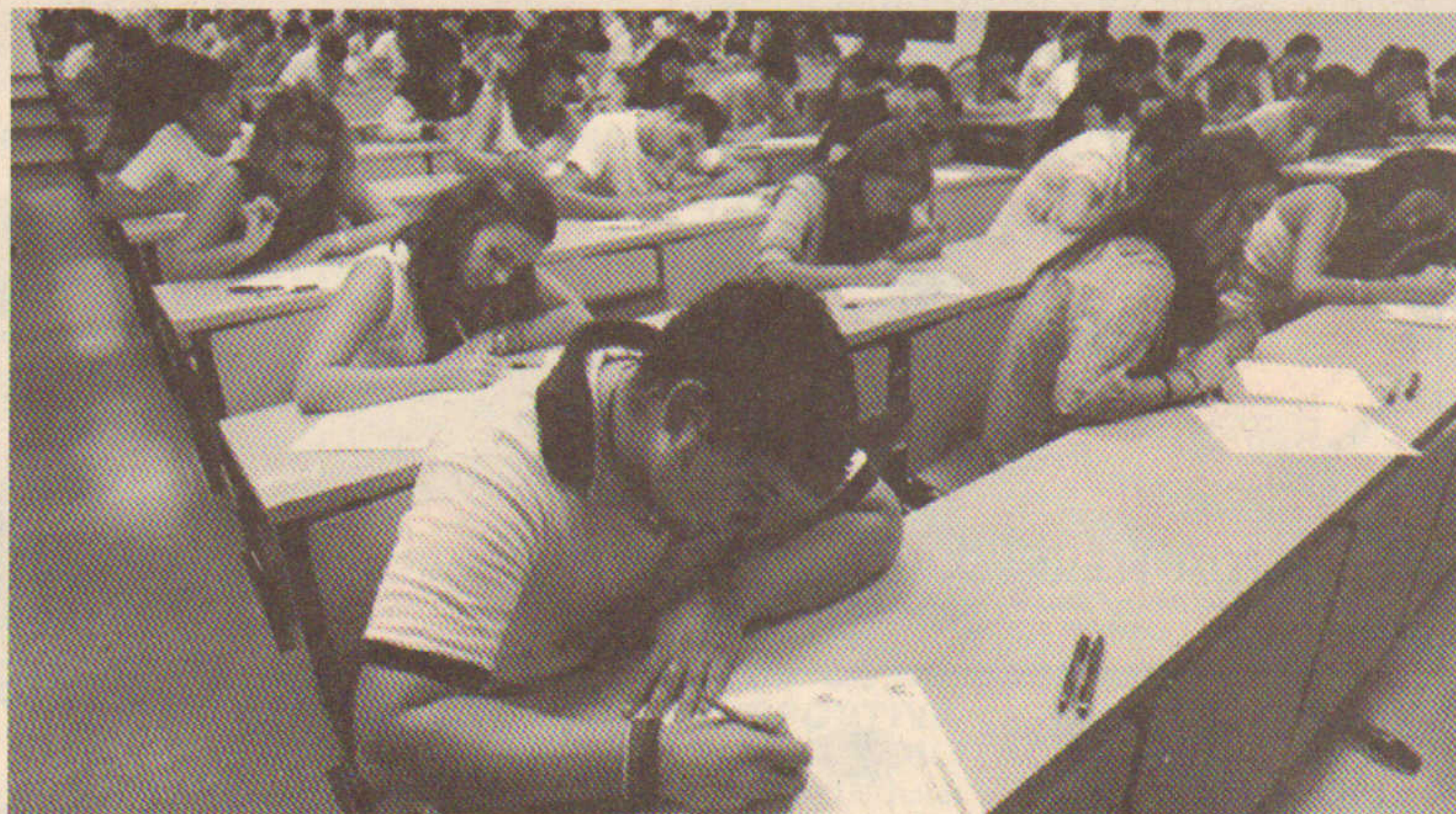
Hoje, caros leitores, vou falar-vos de um outro tipo de violência. Uma que é quase imperceptível aos agentes da comunidade escolar, mas que gera danos que podem ser relativamente graves, dependendo do aluno que é afetado. A violência de ter que fazer um exame nacional de Matemática, para aceder a um curso do ensino superior. Os centros de explicações começam, mais ou menos por esta altura, a encher-se de alunos sequiosos de ter mais umas horas extra de Matemática por semana. Uns vão por sua livre vontade, após terem solicitado aos pais por uma ajudinha suplementar na disciplina, outros vão mesmo porque foram obrigados a ir. Os professores, que lecionam o nível secundário do 12º ano, começam a ficar preocupados, pois mal o ano começou, já começam a aperceber-se que vai ser preciso fazer uma maratona para cumprir o programa todo. Alunos e professores envolvem-se num processo agonizante que só termina no dia e na hora em que o exame é concretizado. De forma inconsciente e não voluntária, os professores esquecem-se de ensinar e transformam-se em treinadores de exame, enquanto os alunos deixam de tentar aprender para se transformarem em máquinas reprodutoras de resoluções de exercícios. Os pais, em casa, vigiam mais de perto os seus filhos, corrijo, os pais em casa vigiam mais de perto as notas dos seus filhos. Neste último ano não pode haver falhas, pois pode

significar o colapso dos seus sonhos, de tirar o curso de medicina, de advocacia, entre outros cursos. Os estudantes sentem uma maior pressão em cima dos seus ombros. A sua vontade é esmagada, obliterada quase sempre, por um: já estudaste Matemática hoje? Subitamente, aquela ciência divertida e engraçada, que o aluno foi tomando o gosto, devido aos esforços dos professores de Matemática que cruzaram o seu percurso académico, torna-se num enorme pesadelo, torna-se o último obstáculo a transpor, torna-se a linha de meta de uma corrida que até o estudante não se sabia envolvido. A agonia de tentar sobreviver a um ano enorme de pressão constante torna-se cada vez mais presente. Tudo porque aquela disciplina que o estudante tanto gostava, que abraçou com tanto fervor, transformou-se num alvo a abater, numa carreira de tiro que muda constantemente as regras para acertar no alvo.

A melhor forma de diminuir a agressividade psicológica, que se abate sobre o aluno que tem de fazer um exame de Matemática, é um processo muito simples: estudo. O aluno que não queira ser uma vítima desta violência não tem outra solução senão recorrer ao que é mais simples e natural: vai ter de estudar. Se o aluno, que tem de fazer um exame nacional, ainda não percebeu o que é preciso fazer para que possa dizer a si próprio que estuda, então o mais certo é chumbar no exame. A ação de estudar é formada por muitas componentes, sendo as mais importantes o esforço, o empenho, a força de vontade e a responsabilidade.

Ser um aluno empenhado na sala de aula de Matemática não é aquele aluno que dispara todo o tipo de respostas às perguntas do professor para se fazer notar. Ser empenhado é saber usar as suas habilidades no momento certo, ser diligente, dedicar-se e estar muito concentrado nas aulas. O aluno que se empenha, normalmente identifica as suas falhas e sabe dirigir-se ao professor para colmatar alguma dúvida sobre algum exercício. Este aluno arrisca e não tem receio algum de expor as suas dificuldades ao professor, assumindo o compromisso de corrigir o que está mal e de melhorar cada vez mais.

Ser um aluno esforçado não é o aluno que abre a porta ao professor, que lhe limpa o quadro quando acaba a aula, nem aquele que age como um ajudante do professor na sala de aula. No fundo, um aluno esforçado é aquele que se empenha, que usa energeticamente as suas capacidades tentando conta-



giar uma turma inteira com o seu trabalho e raciocínio. Este tipo de aluno é quase aquilo que os professores chamam de "a recompensa de ser professor", pois são o reflexo de um ensino funcional, coerente e metódico. Os alunos esforçados constroem pontes de saber na sala de aula, entre eles, os colegas e o professor. São alunos que não desistem à primeira dificuldade na resolução dos exercícios mais difíceis e tentam sempre encontrar um modo de solucionar um problema na disciplina, mesmo que seja de forma pouco ortodoxa.

Um aluno munido com força de vontade e responsabilidade não é aquele aluno que chega a horas à sala de aula, porque acorda sempre cedo, nem que cumpre toda e qualquer regra de forma escrupulosa. Um aluno responsável gera à sua volta uma certa solidariedade social, uma empatia diferente por parte dos colegas e professores, pois este assume-se como sendo uma pessoa em que os outros podem confiar e que responde pelas suas atitudes. Este aluno sente-se impelido a concretizar as tarefas que lhe são incumbidas. Por vezes, a nível disciplinar, são-lhe apontadas muitas falhas, mas a sua força de vontade faz com que este seja uma força de natureza, um líder.

Devido à natureza da disciplina de Matemática, estudar para o exame da mesma, implica sempre muito trabalho. Uma boa forma de se preparar é resolver exames antigos, não muito afastados temporalmente, estudar as resoluções dos exercícios e analisar os critérios de correção de cada exame.

Não se deve resolver exames muito afastados temporalmente pois os conteúdos a avaliar podem já ter mudado e serem já muito diferentes dos atuais. Deve-se estudar as resoluções de exames já realizados, mas não decorá-las, usando as quatro componentes do estudo mencionadas, de modo a que o aluno tente criar uma forma de compatibilizar o seu raciocínio com o exigido num nível de exame. O aluno tem uma certa liberdade, podendo usar alguns dos seus raciocínios únicos, mas nunca se deve esquecer que o corretor

é uma pessoa anónima, que não deve pertencer nem ao seu meio escolar, e que não está habituado ao seu modo de pensar. Por isso a compatibilização é necessária, para que o aluno possa comunicar de forma mais universal o seu raciocínio e que seja considerado como válido à luz da linguagem universal da Matemática. Também se deve analisar os critérios de correção de modo a que o aluno comece a familiarizar-se com aquilo que o corretor vai considerar mais importante, ou não, na resolução dos exercícios. O objetivo é que seja desenvolvido um espírito de síntese. Com esta análise o aluno fica a saber o que é considerado supérfluo, ou não, nas resoluções dos exercícios de Matemática.

Na qualidade de docente do ensino superior, reconheço a necessidade da existência de exames no ensino secundário, mas considero que os exames de Matemática, tais como os das outras disciplinas, nunca deveriam ser usados no acesso ao ensino superior. Cada escola deveria ter a autonomia de realizar os seus próprios exames, de modo a que esta violência psicológica de fazer um exame final de conclusão de ciclo, que serve também de acesso a um curso superior, terminasse. O aluno deveria ter a oportunidade de concluir os seus estudos sem ter que se preocupar que iria competir com alguém que mora em Bragança ou no Algarve por um lugar no Ensino Superior, mesmo que esta não seja a sua vontade. Deviam ser as Universidades e Politécnicos a elaborarem os seus exames de acesso, onde se poderia incluir entrevista pessoal, caso necessário. Em Portugal, o acesso ao ensino superior deveria ser independente da conclusão do ensino secundário, que deveria terminar no 11º ano. O 12º ano deveria ser apenas um ano de preparação para o ensino superior, transformando-se em semestral, com o primeiro semestre a ser preenchido com uma componente letiva e o segundo com exames de candidatura ao ensino superior, em cada Universidade ou Politécnico.